

O texto nas malhas digitais e uma revisão da Escrita Conceitual – entrevista com Kenneth Goldsmith

Text in digital meshes and a revision of Conceptual Writing – interview with Kenneth Goldsmith

Leonardo Villa-Forte

Doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Faculdade de Letras da PUC-RJ. Psicólogo pelo Instituto de Psicologia da UFRJ. Foi bolsista do CNPq entre 2013 e 2015 e bolsista FAPERJ Nota 10 entre 2017 e 2019. “Escrever sem escrever”, uma reformulação da sua dissertação de mestrado, foi premiado com menção honrosa na categoria literatura brasileira de não-ficção no Prêmio Internacional Casa de Las Américas de 2020.

Lucas Murari

Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com período sanduíche na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (bolsa PDSE/CAPES). Foi bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre 2013 e 2019. É editor-executivo da Revista Eco-Pós (UFRJ). Atualmente realiza estágio de pós-doutorado na ECO/UFRJ (bolsa CAPES).

Nascido em 1961 em Nova York, Kenneth Goldsmith é escritor, poeta, artista e professor universitário. Sua trilogia americana – *The Weather* (2005), *Traffic* (2007) e *Sports* (2008) é um exemplo contemporâneo de escrita conceitual concebida por estratégias de apropriação. Os cursos que oferece giram em torno de métodos de composição e colagem: “Escrita Não Criativa”, “Escrita Intervencionista” e “Escrita Através da Arte e da Cultura”, são algumas das disciplinas que têm ofertado nos últimos anos na Universidade da Pensilvânia. Seu livro *Capital: New York, Capital of the 20th Century* (2016) dialoga com o projeto inacabado *Passagens*, de Walter Benjamin, mas desloca a atenção de Paris do século XIX para a cidade de Nova York no século XX, sendo

Dossiê **Apropriações e ressignificações na arte e no pensamento** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 24, n. 3, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i3.27822

composto por citações de fontes das mais diversas. Em 2011, o autor publicou *Uncreative Writing: Managing Language in the Digital Age*, coletânea de ensaios em que discute os novos desafios propiciados pela internet e pelo ambiente digital quanto à criação literária e o diálogo do texto com outras mídias. Em 1996, fundou o portal *UbuWeb*, grande arquivo digital de obras artísticas e ações culturais, que se tornou um dos principais repositórios de obras de vanguarda na internet. Recentemente, Goldsmith abordou a trajetória e os desafios do projeto no livro *Duchamp Is My Lawyer: The Polemics, Pragmatics, and Poetics of UbuWeb* (2020). A entrevista a seguir, realizada por Leonardo Villa-Forte e Lucas Murari, trata de alguns procedimentos e métodos caros a Goldsmith tanto no que se refere à sua proposta artística de escrita quanto ao *UbuWeb*.



Créditos da foto: Olivia Locher

Dossiê **Apropriações e ressignificações na arte e no pensamento** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 24, n. 3, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i3.27822

REVISTA ECO-PÓS: Em grande parte de sua obra, o trabalho final é um livro, apoiado fortemente no texto ou na palavra. Mas seus procedimentos se apropriam de práticas das artes visuais, entre outras expressões artísticas. Gostaríamos que falasse sobre a escrita conceitual que dialoga com outros formatos de difusão, como transmissões radiofônicas, poesia oral, performances/happenings, música...

KENNETH GOLDSMITH: A escrita não-criativa ou escrita conceitual foi uma resposta ao digital. O digital colapsa a noção de formato, pois ao mesmo tempo somos todos músicos, escritores, artistas visuais, cineastas etc., dependendo dos softwares que utilizamos, resultando no que Marjorie Perloff chama de "poética diferencial", em que qualquer "peça de escrita" pode ter várias versões. Em certo sentido, nossa estética foi abraçar o remix provocado pela então nova paisagem digital.

REVISTA ECO-PÓS: Nesse sentido, a nova paisagem digital é o aspecto decisivo dessa "poética"? Ou antes da revolução tecnológica também era possível encontrar artistas lidando com tais procedimentos?

KENNETH GOLDSMITH: Evidentemente que era possível – pense na simultaneidade dos Futuristas ou nos aspectos intermediáticos do Fluxus – mas o digital transformou uma propensão ou uma tendência em uma agenda.

REVISTA ECO-PÓS: Você vê diferenças entre uma escrita não-criativa e uma escrita conceitual? São a mesma coisa? Uma está contida na outra? Pode uma prática de escrita não-criativa não ser conceitual (como um texto que se lê à maneira de um poema tradicional, um conto tradicional, mas construído a partir de procedimento não-criativo, como, por exemplo, o romance *Tree of Codes*, de Jonathan Safran Foer)? Se houver diferença entre uma e outra, é mais de método de feitura ou de grau de radicalidade em sua proposta de leitura?

KENNETH GOLDSMITH: A Escrita Conceitual foi realmente um movimento, do qual a escrita não-criativa era uma das diversas estratégias. O movimento teve início no final dos anos 1990 e terminou em 2011 com a publicação de *Against Expression: An Anthology*

of Conceptual Writing. No momento em que uma antologia é feita, acho que significa o fim de algo.

REVISTA ECO-PÓS: Quando a fotografia surge, a pintura se distancia dela. Vai em busca do não-figurativo. Quando a internet surge, a proposta da escrita não-criativa procura que a escrita se aproxime da internet, trabalhando com o deslocamento de textos, as novas modalidades de distribuição da linguagem como material. Esse movimento seria um rumo oposto ao que a pintura tomou com a fotografia? Ou seja, ao invés de diferenciar-se do novo meio, como a pintura fez com a fotografia, essa proposta de escrita produziria uma aproximação à internet, uma aderência ao novo meio?

KENNETH GOLDSMITH: Quando a pintura encontrou a fotografia, ela se tornou mais abstrata; quando a escrita encontrou a internet, ela se tornou mais refrativa. Ambas são exemplos de forma de arte reagindo ao advento de uma determinada tecnologia, então, dessa maneira, estamos fazendo tanto Estudos de Mídia como Literatura. Toda linguagem é multiplicada e distribuída por conta da internet; isso, acreditávamos, era o futuro da escrita, um futuro da escrita que não é escrita.

REVISTA ECO-PÓS: Você pode nos contar um pouco mais sobre essa noção de escrita tornando-se refrativa quando encontra a internet?

KENNETH GOLDSMITH: É muito simples: tudo que é digital se baseia na cópia. Portanto, tudo o que fazemos – até o documento simples do Microsoft Word que estou escrevendo agora – é copiar. Esse documento, enquanto o escrevo, está fazendo backups a cada pouco segundos, que é uma cópia; quando eu lhe enviar este documento, também será uma cópia; quando você enviar isso para o editor ou designer, outra cópia é feita e assim por diante. A parte "escrita" do documento é apenas uma parte do que o documento é – os aspectos estruturais e distributivos devem ser considerados tão importantes quanto o conteúdo. Se eu tivesse escrito essa frase em 1993, ela seria tão verdadeira quanto é hoje; e será igualmente verdadeira daqui a 50 anos. Cópia / refração / espelhamento é fundamental para o digital e sempre será.

REVISTA ECO-PÓS: Você enxerga reações da escrita criativa padrão à escrita não-criativa? Enxerga autores que mudaram sua escrita ou sua abordagem depois da consolidação de uma proposta que trabalha com a noção de *moving information*?

KENNETH GOLDSMITH: Não. Nossas ideias não tiveram nenhum impacto. Na verdade, com o surgimento da literatura de base identitária, a escrita não criativa e a escrita conceitual foram convenientemente, para eles, removidas da história.

REVISTA ECO-PÓS: Alguns trabalhos sobre, por exemplo, a violência contra mulheres, como as obras de Vanessa Place, para citar uma poeta conceitual, não poderiam ser conceituais e identitários?

KENNETH GOLDSMITH: Essa é uma visão abrangente que poucos são capazes de sustentar.

REVISTA ECO-PÓS: A escrita conceitual apropriacionista poderia ser pensada com uma exacerbação absoluta da noção de “Show, don’t tell”, muito em voga nas oficinas de escrita criativa?

KENNETH GOLDSMITH: Sim, mas é claro que ela nunca poderia admitir isso.

REVISTA ECO-PÓS: Qual o seu método de trabalho em relação ao UbuWeb? Como você seleciona o que entra no acervo? Quais são os critérios adotados?

KENNETH GOLDSMITH: Ubuweb não tem critérios. É simplesmente selecionado por caprichos e fluxos de interesse e intuição. Sou um poeta, não um historiador da arte. Sou ignorante no tema, portanto o site funciona mais como uma obra de arte massiva do que algum tipo de recurso confiável. É uma proposição errônea, um “esforço patafísico”.

REVISTA ECO-PÓS: E existem outras propostas de arte que adotam esse tipo de metodologia? Poderia dar exemplos?

KENNETH GOLDSMITH: Eu acho que as melhores obras de arte funcionam dessa maneira. A maioria dos artistas não tem ideia do que está fazendo, e estão agindo por intuição cega. Se os artistas realmente soubessem o que estão fazendo, deixariam de ser artistas e entrariam em algum campo onde a certeza compensa. Por que permanecer em um campo onde o fracasso é mais valioso do que o sucesso?

REVISTA ECO-PÓS: O site UbuWeb armazena e exhibe um vasto material relacionado a artistas e movimentos de vanguarda de décadas atrás e do século anterior. E nos dias de hoje, é possível falar de uma arte de vanguarda do século XXI?

KENNETH GOLDSMITH: Em uma época de conectividade e distribuição onipresentes, a própria web é muito mais vanguardista e mecanizada do que qualquer arte jamais poderia sonhar em ser, provando, mais uma vez, que o meio ainda é a mensagem.
